

Diário de Viagem: No limite do Sahara, uma experiência Marroquina

Travel Diary: On the Edge of the Sahara, a Moroccan Experience

Diario de Viaje: Al Límite del Sahara, una Experiencia Marroquí

Diogo Procópio Spadotto¹

Recebido em: 09 de Dezembro de 2024

Aprovado em: 28 de Abril de 2025

Resumo

O texto aborda uma jornada de um mês no Marrocos, escrita em formato de diário de viagem. A experiência foi mais que uma simples viagem; foi uma imersão profunda em uma cultura e em um ambiente semiárido que moldaram a percepção de liberdade, simplicidade e comunhão do autor. Conhecendo diferentes cidades, comunidades e desertos, o objetivo principal foi trabalhar de forma voluntária em um projeto sustentável em um vilarejo próximo a Tagounite, a fim de intensificar a imersão nos costumes marroquinos. Os desafios foram inúmeros, sendo o principal deles a adaptação ao ambiente extremo do clima semiárido, muito quente e seco, além das diferenças culturais e barreiras linguísticas. A resiliência das pessoas que habitam essa região, o toque humano, as cores e a hospitalidade marroquina revelaram a beleza nas pequenas coisas, enquanto o trabalho comunitário proporcionou um sentido maior de pertencimento. No relato, há reflexões sobre o isolamento em um ambiente extremo e o ritmo lento de vida, questionando os vícios modernos que nos afastam do real.

Ao explorar paisagens intocadas e compartilhar refeições simples, o autor cria uma nova apreciação pelas coisas essenciais. A narrativa convida o leitor a refletir sobre a simplicidade da vida, a importância das conexões humanas e a necessidade de desacelerar para realmente experimentar o mundo ao nosso redor.

Palavras-chave: Diário de viagem, Imersão cultural, Voluntariado, Marrocos, Simplicidade

Abstract

The text recounts a one-month journey in Morocco, written as a travel diary. The experience was more than a simple trip; it was a deep immersion into a culture and semi-arid environment that shaped the author's perceptions of freedom, simplicity, and communion. By exploring different cities, communities, and deserts, the main objective was to volunteer in a sustainable project in a village near Tagounite, aiming to intensify immersion in Moroccan customs. The challenges were numerous,

1. Graduando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil.

the main one being adaptation to the extreme semi-arid climate—very hot and dry—as well as cultural differences and language barriers. The resilience of the people who inhabit this region, the human touch, the colors, and Moroccan hospitality revealed the beauty in small things, while community work provided a greater sense of belonging. In the narrative, there are reflections on isolation in an extreme environment and the slow pace of life, questioning modern vices that distance us from the real. By exploring untouched landscapes and sharing simple meals, the author develops a new appreciation for essential things. The narrative invites the reader to reflect on life's simplicity, the importance of human connections, and the need to slow down to truly experience the world around us.

Keywords: Travel diary, Cultural immersion, Volunteering, Morocco, Simplicity.

Resumen

El texto aborda un viaje de un mes en Marruecos, escrito en formato de diario de viaje. La experiencia fue más que un simple viaje; fue una inmersión profunda en una cultura y un ambiente semiárido que moldearon la percepción de libertad, simplicidad y comunión del autor. Conociendo diferentes ciuda-

des, comunidades y desiertos, el objetivo principal fue trabajar de forma voluntaria en un proyecto sostenible en un pueblo cercano a Tagounite, con el fin de intensificar la inmersión en las costumbres marroquíes. Los desafíos fueron numerosos, siendo el principal la adaptación al ambiente extremo del clima semiárido, muy caluroso y seco, además de las diferencias culturales y barreras lingüísticas. La resiliencia de las personas que habitan esta región, el toque humano, los colores y la hospitalidad marroquí revelaron la belleza en las pequeñas cosas, mientras que el trabajo comunitario proporcionó un mayor sentido de pertenencia. En el relato, hay reflexiones sobre el aislamiento en un ambiente extremo y el ritmo lento de vida, cuestionando los vicios modernos que nos alejan de lo real. Al explorar paisajes vírgenes y compartir comidas sencillas, el autor crea una nueva apreciación por las cosas esenciales. La narrativa invita al lector a reflexionar sobre la simplicidad de la vida, la importancia de las conexiones humanas y la necesidad de desacelerar para realmente experimentar el mundo que nos rodea.

Palabras clave: Diario de viaje, Inmersión cultural, Voluntariado, Marruecos, Simplicidad

Planejando a Aventura

Para contextualizar melhor, minha jornada começou em janeiro de 2024, embarcando de Belo Horizonte para Lille, uma cidade no norte da França, quase na fronteira com a Bélgica, para fazer um semestre de intercâmbio em uma faculdade de comércio e negócios internacionais. Como se pode imaginar, esse intercâmbio acadêmico não é o foco deste diário, mas sim o que veio depois: uma experiência mais exótica e, na minha opinião, mais interessante.

Em maio, já sem aulas e responsabilidades acadêmicas, com tempo para explorar antes de voltar ao Brasil, decidi que queria uma experiência diferente da europeia. Queria um ambiente marcante e, como se não bastasse, um choque cultural ainda maior. Depois de pesquisar por um tempo, encontrei no Marrocos a cidade de Tagounite (), uma pequena cidade localizada no sul do país, na província de Zagora, região do Vale do Draa, uma das mais

importantes regiões de oásis do país. O Marrocos já me atraía há algum tempo; não foi a primeira vez que pensei em viajar para lá. Ao pesquisar mais a fundo, vi que seria o tipo de experiência transformadora que estava procurando. Essa região ao sul está no limite com o deserto do Saara, sendo um ponto de passagem para quem deseja ter contato com o Saara marroquino.

Sempre tive vontade de trabalhar em um projeto voluntário, ir para lugares que não são tão turísticos, pequenas cidades com povoados modestos, ver cenários que a maioria das pessoas não vê quando visitam um país. Queria realmente imergir na cultura e aprender os valores de uma sociedade, então optei por juntar essas vontades e voluntariar no Marrocos. Através de uma plataforma na internet de trabalhos voluntários chamada Worldpackers, pesquisei sobre voluntários nessa região ao sul do Marrocos e a aventura começou neste momento, quando vi que era possível.

A plataforma é ótima, oferecendo uma relação direta entre anfitriões (donos dos projetos) e quem está procurando ajudar de forma voluntária. Os voluntários se candidataram para trabalhar no projeto e, em troca, os anfitriões oferecem acomodação e comida. Para um estudante que não tem muito dinheiro para viajar, mas tem uma fome gigante por cultura, conhecer novos países, pessoas e aprofundar-se na cultura e sociedade, é uma excelente escolha. Não precisa gastar muito e pode-se ter uma grande troca de experiências com os outros.

Tagounite é conhecida por ser um ponto de encontro para projetos sustentáveis e voluntários internacionais que querem se conectar com a comunidade local e colaborar em iniciativas de desenvolvimento rural e ecológico, como a agricultura sustentável e a preservação da cultura local. O Bani Hayoune Garden é um desses projetos sustentáveis, com o objetivo de combater a desertificação e empoderar a comunidade local. Através da plataforma Worldpackers, entrei em contato com os anfitriões desse projeto, Said e Linda, pessoas simples e incríveis que me acolheram pelo tempo que eu quisesse ficar.

Resumindo, o planejamento dessa aventura era chegar ao Marrocos pela manhã em uma cidade no centro-sul do país chamada Ouarzazate, conhecer rapidamente o local durante algumas horas e, no final da tarde, pegar um ônibus para Tagounite. Posteriormente à estadia no projeto voluntário, retornaria de ônibus até Marrakech, a cidade vermelha, uma das mais famosas do país,

para encontrar alguns amigos, conhecer as partes mais turísticas e finalizar a viagem.

1.1. Chegada ao Marrocos: O Olhar e o Ouvir

Voo Ryanair França - Marrocos: Comecei minha aventura rumo ao meu primeiro país na África, meu primeiro deserto, o primeiro calor de 48 graus com umidade a 10%. Era um sábado à noite e eu estava na “sala VIP” do aeroporto de Marselha (o chão embaixo de uma escada). Coloquei um casaco e a imensa mochila que tinha para deitar ali enquanto esperava o voo que sairia só de manhã para Ouarzazate, a primeira cidade que conhecia no Marrocos.

Estávamos eu e a mochila apenas, carinhosamente apelidada de Rita. Tudo que precisava por mais de um mês estava nela; naquele momento, tudo que eu tinha era ela, muita euforia, um pouco de medo e uma sensação de liberdade tremenda. No avião, com a sorte de sentar na janela, vi o amanhecer no deserto do Saara. Ao nos aproximarmos do continente, a paisagem vista de cima era uma imensidão de areia, tons pastéis de amarelo e marrom com o alaranjado do nascer do sol. Senti que estava mudando de planeta. Essa era a sensação que eu queria: a do desconhecido, de realmente não saber, estar cru e entregue a todo conhecimento e oportunidade.

Imagen 1 – Casas de Barro Ouarzazate



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

1.2. O Primeiro Contato com os Berberes

Ao pousar em Ouarzazate, logo se percebe como é pouca a infraestrutura. Claro que é uma cidade pequena; imagine um aeroporto de cidade de interior no Brasil. A dificuldade maior foi explicar para a segurança do aeroporto que eu iria trabalhar em um projeto social em uma cidade menor ainda, muito ao sul, onde não conhecia ninguém. Por sorte, meu francês aprendido no semestre de estudos em Lille não foi desperdiçado (no Marrocos, por conta da colonização, as pessoas falam francês e árabe), e pude me virar nessa língua.

1.3. Explorando Ouarzazate

Ouarzazate é famosa por seus sets de filmagem, conhecida como a “Porta do Deserto”. Tem sido o local de filmagem de inúmeros filmes e séries de grande sucesso devido às suas paisagens desérticas e seus estúdios cinematográficos, como o Atlas Studios, um dos maiores do mundo. Diversas produções famosas, como “Gladiador”, “Lawrence da Arábia”, “A Múmia”, “Game of Thrones” e “Babel”, foram filmadas na região de Aït Benhaddou (), uma famosa aldeia fortificada (ksar) localizada perto de Ouarzazate.

Saí a pé do aeroporto, eufórico, pensando em duas coisas: queria experimentar comida marroquina e saber quantas horas teria para explorar a cidade. O céu estava em uma mistura de azul e branco por causa da grande quantidade de areia, o ar mais seco do que estava acostumado e um certo silêncio, uma calmaria de domingo à tarde; só dava para ouvir ao longe as orações sendo cantadas nos minaretes das mesquitas. Eu estava como uma criança, encantado com tudo que era novo, correndo de um lado para o outro.

De primeira vista, notei como tudo é monocromático; a paisagem se mistura com as construções e a cidade, todos no mesmo tom amarronzado, meio amarelo e laranja, cores do semiárido, eu diria. Alguns prédios pequenos, muitas casas de barro, vários campos com algumas plantações irrigadas e palmeiras, e algumas partes com entulhos/destruídas que, na minha cabeça, foram casas de barro que eventualmente vieram abaixo—tudo áspero e bem seco por causa da areia. Na minha opinião, por causa das imagens e transmissões da guerra passadas para nós no Ocidente, alguns

bairros e paisagens no Marrocos se assemelhavam a cenários de guerra, destruídos com escombros e entulhos.

1.4 Interagindo com os Locais

Em todas as minhas viagens e intercâmbios, minha mãe sempre me deu a coragem que me faltava para ir sem olhar para trás. Uma coisa que ela sempre disse é: “Você vai conhecer gente na viagem, não se preocupe. Não estará sozinho, fica tranquilo e pode ir sozinho que vai fazer amigos”. Dito e feito, sempre foi assim como ela disse. Logo quando desembarquei, conheci o Jean, um francês que estava viajando sozinho por uma semana em algumas cidades marroquinas.

A companhia de Jean foi perfeita para um dia em Ouarzazate. Perambulamos juntos por quase toda a cidade, entrando em todos os lugares que estavam com as portas abertas para nós, falando com vários marroquinos, jogando bola com as crianças na rua, comprando algumas bugigangas e conhecendo a periferia da cidade. Todos que encontramos foram muito amigáveis e pacientes conosco; essa primeira impressão dos marroquinos deixou uma boa marca na memória.

Imagen 2 – Turistas e o Comerciante Marroquino



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Não muito diferente de áreas periféricas no Brasil, popularmente conhecidas como favelas, essas regiões em Ouarzazate e em outras cidades do Marrocos que estive se assemelham muito em vários aspectos. Casas simples feitas de barro ou outros materiais diversos, entulhos/lixo acumulado nos cantos, sem saneamento básico, vendinhas de produtos simples logo à frente das casas, com crianças, roupas e animais espalhados como se fossem criados todos soltos. Todo o tempo que passamos caminhando por essa região, algumas crianças nos acompanhavam, tentando conversar em árabe que não entendíamos e, às vezes, falando algo em francês. Estavam sempre pedindo dinheiro ou comida; acabamos dando toda a água e as barrinhas que tínhamos na mochila. Eles pareciam felizes, pareciam crianças, empolgadas e curiosas com a vista de estrangeiros.

Uma das impressões que tive durante toda a estadia no Marrocos foi a sensação de que fazia tempo que não via crianças sendo crianças: brincando na rua, correndo de um lado para o outro, aprontando e gargalhando alto, sempre eufóricas e curiosas. Sem celular ou vidradas em tecnologia, apenas com jogos inventados ou atividades ao ar livre fora de casa. É claro que uma das respostas para isso é a situação econômica e o acesso à modernidade no país. Com certeza, essas crianças e suas famílias não têm condição financeira para tal e, na maioria dos casos, só têm o suficiente de dinheiro para sobreviver e sustentar a família; por isso, elas ficam na rua a maior parte do tempo, sempre atentas a alguém diferente (como estrangeiros) para pedir algumas moedas. Com isso, a sensação também de que alguns aspectos pararam no tempo; por ser uma sociedade simples e sem muitos recursos, preservaram-se hábitos antigos que às vezes pensamos que nossos avós faziam, como sentar no lado de fora na calçada no final da tarde ou em uma praça, apenas para conversar e olhar as crianças brincando com os vizinhos.

Finalizamos o dia na rodoviária, comendo uma marmita de cuscuz marroquino com frango e legumes, que nos custou incríveis 2 euros, ambos indo para cidades diferentes e, desde então, nunca mais nos vimos. De Ouarzazate a Tagounite foram seis horas de ônibus, pela única estrada que cruza as montanhas e começa a entrar cada vez mais no deserto; por isso o limite do Saara, aquela região são as primeiras dunas de um mundo inteiro adentro. Cheguei em Tagounite já bem de noite; pela estrada até lá não vi muita

coisa, uma paisagem com pouca variação de cores em tons de areia e pedras escuras acinzentadas, um ambiente semiárido rochoso. Ao escurecer, o breu de milhares de quilômetros de areia tomou conta; não era possível ver muita coisa, só a luz de algumas pequenas vilas como Tagounite. Quanto mais ao sul do Marrocos eu ia, menos gente eu via, mais quente ficava e mais estrelas no céu à noite apareciam.

Imagen 3 – Parada de ônibus entre Ouarzazate e Tagounite.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

2.0 Tagounite: Entre o Oásis e o Deserto

Tagounite e o Vale do Draa são regiões no sudeste do Marrocos profundamente marcadas por sua paisagem desértica, cultura local e tradições preservadas ao longo dos séculos. Essas regiões oferecem ao visitante uma oportunidade rara de se conectar com uma comunidade que vive em harmonia com o ambiente semiárido e com um modo de vida que remonta às antigas rotas de comércio e caravanas. A cidade é uma pequena vila que se destaca como ponto de partida para o deserto do Saara e está situada próxima ao oásis do Vale do Draa. Possui uma atmosfera acolhedora e uma população que preserva costumes e práticas tradicionais, com uma comunidade predominantemente berbere. Em Tagounite, a vida se desenrola em um ritmo que reflete a adaptação ao clima extremo, mas também a resiliência dos habitantes em manter e valorizar suas raízes culturais. Estar naquele ambiente permite uma imersão em um estilo de vida que, embora influenciado pelo mundo moderno, mantém a essência de práticas tradicionais, como a produção artesanal e o cultivo de alimentos locais.

Além disso, a economia local e o cotidiano da vila giram em torno de atividades agrícolas, mercados comunitários e trabalhos em projetos de desenvolvimento sustentável, como o Bani Hayane Garden. Esses projetos simbolizam uma nova abordagem que alia a tradição com práticas de conservação ambiental, gerando renda e promovendo a autossuficiência da comunidade.

Imagen 4 – Carona de Tuktuk em Tagounite



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

2.1. Projeto Bani Hayoune

O Bani Hayoune Garden é um projeto social, ambiental e educativo situado em Tagounite. Criado por Es-Said Et-Talmud, um morador local, e Linde de Greeff, uma ambientalista e permacultura holandesa, o projeto tem como missão principal revitalizar e transformar uma área de 1,2 hectares de terras áridas em um oásis autossustentável. Visa restaurar o ecossistema, combater a desertificação e oferecer oportunidades de desenvolvimento social e econômico para a comunidade local, especialmente para mulheres e crianças.

O projeto segue princípios de sustentabilidade, permacultura e regeneração ecológica. As atividades são orientadas por valores de respeito ao meio ambiente e à cultura local, promovendo uma abordagem integrada de desenvolvimento social e ambiental. A visão é transformar a terra em um oásis verde e próspero, ao mesmo tempo em que fortalece a autonomia da comunidade local.

Imagen 5 – Projeto Bani Hayoune Garden



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Atividades Principais do Projeto:

- Recuperação Ambiental e Permacultura
- Empoderamento de Mulheres e Fortalecimento Comunitário
- Educação e Atividades para Crianças
- Hospedagem para Voluntários e Intercâmbio Cultural
- Produção Sustentável e Autossuficiência

O impacto do Bani Hayoune Garden na comunidade de Tagounite vai além da revitalização ambiental. Oferece uma perspectiva de futuro para a comunidade, especialmente para as gerações mais jovens, ao mostrar que é possível viver de forma sustentável, mesmo em uma região tão desafiadora. Por meio das práticas de permacultura e da educação ambiental, o projeto inspira mudanças e contribui para a resiliência da comunidade frente às mudanças climáticas e desafios econômicos.

2.2. Chegada ao Projeto

O anfitrião do projeto, Said, me recebeu assim que cheguei na cidade. Desci do ônibus e ele estava lá com seu turbante azul

turquesa, alto e esguio, com a pele bem morena, a verdadeira personificação de alguém que habita o Magrebe (região do norte da África). No local onde cheguei, no centro, havia um monte de pequenos comércios, vendinhas que tinham de tudo um pouco; as pessoas pareciam serenas e simpáticas, sorriam sempre para o estrangeiro.

Ali nas vendinhas compramos alguns suprimentos, principalmente água, o mais importante deles, porque no Marrocos, para quem vem de fora, é quase certo pegar uma virose se beber água que não vem lacrada em uma garrafa. Os habitantes estão acostumados com as bactérias na água, mas nós não; então, durante toda minha estadia, só bebia de galões de 5 litros que custavam uns 13 dirhams (1 euro).

Seguimos então de tuk tuk para o projeto, que ficava um pouco afastado, em outra vila/bairro ainda menor, Bani Hayoune. De novo, quase um completo breu; não vi muito do que estava ali em volta porque havia umas três luzes dentro da casa só; ficaria para outro dia ver a paisagem de onde eu estava. Estavam todos os voluntários e Linde reunidos quase prontos para jantar; nos juntamos a eles e depois fomos todos dormir. Ao todo éramos 13 pessoas, dois gatos, cinco ovelhas, um jegue e um cachorro. As nacionalidades eram diversas; na casa tínhamos os seguintes países presentes: França, Alemanha, Holanda, Estados Unidos, Austrália, Bélgica e Brasil.

2.3. Rotina no Projeto

Escrito no diário assim que acordei: “Sinto a areia por todo meu corpo; é seco, parece que as mucosas do corpo todo sofrem com esse clima. Apesar de não estar muito quente, o ambiente judia do corpo, mas acho que a gente se acostuma. Como tudo na vida, o que falar desse lugar? A primeira coisa que me vem à cabeça é: onde eu me meti. Afinal, como não pensei antes que, sim, eu estava indo para o Marrocos, um país do Norte da África com clima semiárido, bem humilde para não dizer pobre. Desde o momento que cheguei ontem, não consegui parar de sentir milhares de sentimentos. Estava maravilhado com tudo, de fato; clima meio inóspito e bem diferente de tudo que já vi. Agora sim, apesar de todas as questões que não são ruins, mas diferentes, é um dos lugares mais encantadores que já visitei. Tem sua beleza única; as pessoas são muito gentis e amigáveis e compartilham a vida delas com você. A vida parece

simples de novo; penso que a comunhão de todos é necessária e não nascemos para viver isolados ou separados; um indivíduo tem que pertencer ao coletivo.

A luta contra a areia constante nesse lugar é uma mistura de curiosidade e calmaria; me falta vocabulário para descrever todas as sensações que estou a experimentar. A simplicidade é essencial; não pode ser tão complicado. O trabalho voluntário em equipe é legal, todo mundo ensinando o que parece saber e que aprendeu nos poucos dias em que estão aqui. Fazer tijolos de barro, montar estruturas de arames, limpar e arrumar a casa, cortar grama, levar e trazer coisas; o clássico trabalho de uma fazenda em construção. É muito interessante ver como tudo isso vai se desenrolando e tomando forma; o tempo passa devagar e não se vê o dia passar. Esse primeiro dia foi bem tranquilo, e todos os problemas do mundo desapareceram. Para mim, eu só existo agora nesse momento que escrevo debaixo das palmeiras. De fato, a areia e a secura, não dão trégua; mal acordei e meus pés já estão enlameados, e hoje, a hora que abri os olhos, me senti como uma múmia despertando; parecia que eu não tinha nenhum líquido no meu corpo. A água é vida; em condições assim é mais valiosa do que ouro. Me faz pensar no Brasil, que é realmente o paraíso com tanta água que temos.”

2.4. A Vida na Comunidade

De manhã, pude ver todo o lugar onde estava; era como se fosse uma pequena fazenda. A primeira coisa que se via ao sair da estrada de terra era a casa, muito antiga, feita há uns 200 anos pelos ancestrais do Said, de barro como quase todas as construções ali em volta. A construção delas não é nada complicada; dá muito trabalho, e isso eu ia descobrir pessoalmente depois. São tijolos de terra misturados com água e deixados em moldes retangulares para secar; depois de secos, é só ir juntando os tijolos e subindo as paredes. Então, pode-se imaginar que a casa, estando ali há tanto tempo, está sempre sendo recuperada e melhorada ao longo do tempo com mais tijolos e mais barro.

Imagen 6 – Fazendo Tijolos de barro



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Logo atrás da casa, tínhamos uma área de trabalho onde se fazia um pouco de tudo (trabalho rural/braçal), alguns campos para plantar uma espécie de grama alta para os animais, um pequeno oásis também com palmeiras e, depois disso, um grande aberto semi árido com algumas outras comunidades que se estendia infinitamente até chegar às primeiras dunas do Saara.

A casa foi passada de geração em geração pela família Said. Eram três quartos no total, nos quais distribuímos os 13 moradores, uma área comum com uma fogueira bem em frente à saída dos quartos, uma cozinha e um banheiro que se resumiam a uma torneira, um buraco no chão (força) e um espelho. Mesmo que pequena para tanta gente e com pouca estrutura, conseguia ser acolhedora e fazia a união de todos presentes. Acho válido lembrar que viagens e projetos como esse passam longe do conforto; no começo é difícil lidar com o desconforto em vários aspectos ali presentes, mas com o tempo a acomodação vem. O intuito da aventura é outro, muito além de estar seguro e confortável.

Imagen 7 – Quarto compartilhado entre 8 pessoas



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

2.5. Rotina Diária

A rotina de todos os dias era tranquila, até demais às vezes; não havia necessidade de pressa alguma. Eu acordava por volta das 8h, fazia um café preto e pegava algumas tâmaras, me sentava nos campos enquanto ainda estava fresco, contemplava a paisagem e escrevia. Por volta das 9h30, todos levantavam e começavam a pre-

parar o café. Depois, trabalhávamos no que fosse necessário para aquele dia; cada um ajudava como podia. O sol começava a ficar muito forte depois das 13h; aí nos recolhemos para a sombra e esperávamos o almoço, que sempre saía lá pelas 15h. O tajine, prato clássico marroquino, demora bastante para preparar; é absurdamente gostoso e comemos em quase todas as refeições. Com as horas de sol que restavam, trabalhávamos mais um pouco e, com o imenso breu da noite, nos recolhemos. Uma sensação de estar nos tempos antigos, em que as pessoas, por falta de eletricidade e internet, já iam dormir quando o sol se punha; eu gostava até e achava que era o natural a se fazer.

Imagen 8 – Arando o campo para plantar



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Uma das atividades recorrentes que fiz todos os dias que estive lá praticamente foi sairmos em grupo para passear com o cão-chorro no pôr do sol. Andávamos para dentro daquela paisagem árida até um lugar que costumava existir um assentamento no passado, ruínas de uma vila que existia ali. Observamos o horizonte e voltamos antes de anoitecer.

3.0 Reflexões no Diário

“Bom dia. Mais um dia sentado aqui debaixo das palmeiras escrevendo meus pensamentos. Quanto mais tempo passo aqui, mais em paz me sinto; os marroquinos são um bom povo para se viver entre. O senso de comunidade deles parece um pouco o nosso e também sempre parecem estar felizes e contentes com qualquer situação. Como as coisas definitivamente não duram para sempre, vai chegar a hora de ir embora e a jornada contínua. É muito bom se sentir abraçado e acolhido por um lugar novo que você acabou de chegar.

É muito interessante ouvir as experiências dessas pessoas todas que estão voluntariamente comigo; sinto que tenho muito a aprender perto delas. De um jeito bom, sou um pupilo aprendendo sobre as viagens e experiências deles, que fizeram muito mais coisas do que eu. Somos verdadeiros exploradores; bom que está apenas tudo começando. Encarando todos os novos desafios desse lugar, as diferentes tarefas e os ritmos da casa, com o tempo as conversas estão ficando mais profundas e tudo está ficando natural. Meu corpo está se adaptando lentamente ao clima super semiárido, e isso é fascinante para aprender a viver devagar.”

“Nesse dia, tirei o dia todo para o ócio, sem celular, sem relógio, sem compromisso. Não precisava estar em lugar nenhum e, como não devo nada a ninguém, foi só eu com a minha vida. Não tirei nenhuma foto e só aproveitei o deserto. Foi um dia bem normal; lavei roupa de manhã, li um pouco, tomei café com damasco e tâmaras, iogurte de leite de cabra. Um dos pensamentos que mais guardei desse dia foi o de que os extremos se assemelham; ambos os lados são difíceis e todos exigem resiliência, tanto no calor quanto no frio. O silêncio extremo reina no calor absurdo do deserto e no frio branco e úmido da neve; ambos vagarosos, calmos. Além de que a adaptação vem com o tempo; não adianta ter pressa, o corpo aguenta quase tudo. E agora a questão é: será que sua mente está pronta para resistir a todos os vícios de uma sociedade moderna que temos? As pequenas doses de dopamina durante o dia, com o celular, Instagram, TikTok, excessos na alimentação etc. Com isso, perdemos a percepção do que está acontecendo à volta; você sente que nada é real, é tudo ilusão no mundo moderno.

Talvez uma das lições mais importantes daqui e de ambientes assim seja o tal do ‘slow pace of living’, um ritmo lento e vagaroso

de viver, aproveitando a solidão e o simples passar do tempo. Minha vida com certeza seria diferente se eu não tivesse vindo aqui; não é preciso muito para viver. Erramos ao achar que precisamos de tudo isso para viver. Para mim, estar um pouco no desconforto é uma das chaves para a vida.”

Imagen 9 – Comunhão, compartilhando a refeição.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

3.1. Um Novo Mundo

Depois de alguns dias trabalhando no projeto, em contato e comunhão de certa forma bem íntima com todos ali, a adaptação começou a aparecer. Afinal, 13 pessoas dividindo um espaço não tão grande assim, não é difícil pegar intimidade; ainda mais com pouca internet e muito tempo para conversar, conhecemos uns aos outros rapidamente. Acho engraçado como as coisas intensas marcam a gente.

Os anfitriões do projeto, Said e Linde, também têm uma agência de tours na região, viagens ao deserto e atividades interessantes para quem é de fora e quer algo mais privado e não tão turístico como a muvuca dos grandes centros (Marrakech). Esse dinheiro extra dos passeios é uma das várias formas que usam para manter o projeto e continuar as atividades. Então, com sorte (a minha e a dos outros voluntários), eles às vezes organizam uma viagem de

dois dias e uma noite no deserto de Erg Chigaga, um dos primeiros desertos do Saara onde estão as maiores dunas de todo o Marrocos.

Imagen 10 – Jipe carregado para o Deserto.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Vale ressaltar que o ambiente e clima do Marrocos é em sua maioria semiárido, e as regiões mais ao sul, como onde está Tafounite, são consideradas o limite entre o semiárido com algumas vegetações e recursos, e o grande oceano de areia em que no horizonte só se enxerga uma única cor por quilômetros e quilômetros.

E com isso, lá fomos nós passar uma noite em outro mundo, um mundo que igual àquele eu não tinha visto ainda. Fomos em 10 pessoas no total em um jipe que me lembrou as aventuras de Tintim; minha cabeça estava entre ser o Capitão Haddock e o Indiana Jones. Carregamos o carro com todos os equipamentos, malas, comida e água principalmente, e o local em que ficaríamos era um acampamento no meio das areias do deserto mesmo.

Foram algumas horas navegando off-road no mar de areia para chegar lá, e tinha uma ótima estrutura no camping, bem isolado mas com tudo do melhor que se esperava por estar bem longe de tudo.

Imagen 11 – Novos amigos em uma nova aventura.



Fonte: (Arquivo Pessoal, 2024)

3.2. Vendo o Pôr do Sol em cima da Duna mais Alta (uns 50m)

“O vento modela essas montanhas, fazendo com que em cada pôr do sol elas se encontrem em diferentes posições; nunca fica no mesmo lugar, mas a areia está sempre ali. Estou aqui em cima agora, no meio da maior duna que já vi, no único deserto em que estive até agora. Vejo tudo de cima, uma imensidão de areia, um mar cujas

ondas têm um tom pastel de laranja com marrom e o céu é azul bebê, tão calmo, tão absurdamente silencioso. Estou deitado sobre ela, pronto para fotografar o pôr do sol; sinto minhas costas quentes e o ar pesado, carregado de areia que vento forte. Sinto a mesma se esfregar e dourar minha pele; gosto das texturas que sinto, me sinto abraçado pelo deserto. Meus olhos estão quase fechados, focando o sol para ver o máximo da sua coroa laranja; tudo agora está laranja e amarelo. Sinto a umidade que o turbante providência para meu rosto; nada mais se passa na minha mente, só a grande imensidão de areia que faz um caminho até o sol. Sinto tudo nessa hora; fechei os olhos e guardei esse momento.”

Poderia falar por horas de tudo que senti em um dia naquele novo mundo. Logo quando chegamos, faltavam umas duas horas para o pôr do sol. Eu e um voluntário alemão, que depois acabou virando um grande amigo para a vida toda, fomos em direção à duna mais alta para ver de lá o entardecer. Estávamos descalços na areia, e era só areia que se via; muito ao longe se viam algumas montanhas que talvez fossem dunas mais altas ainda. A sensação é estranha; acho que não tem como descrever melhor do que “um novo mundo”. Os olhos demoram a se acostumar ao cenário, e quanto mais o sol vem baixando, mais intensa a cor fica, passa de um amarelo pastel para um laranja forte, quase vermelho. E de repente tudo sumiu; sem nenhuma luz por perto, a escuridão chega rápido, e acredite, é a noite mais opaca que se pode ver, até, é claro, as estrelas aparecerem, e aí, num dia sem nuvens como aquele, se torna a noite mais clara e estrelada que se pode ver. Voltamos ao acampamento caminhando à noite com uma lanterna e o mapa no celular de onde estavam as barracas, porque, por incrível que pareça, no meio daquele nada a internet dava sinal. Observando o céu, era possível ver e imaginar de tudo; nas cidades, com a iluminação, é até raro ver estrelas; lá podíamos ver até os satélites orbitando a Terra. Depois de um tempo com o translado normal da Terra, entramos no campo de visão da Via Láctea e foi magnífico.

Imagen 12 – Por do sol na Duna mais alta.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Na próxima tarde, já estávamos de volta ao projeto. Depois de um dia intenso no deserto, era difícil tirar as belezas e os tons de laranja da cabeça. A partir daí, a rotina seguiu normalmente como antes, no seu ritmo tranquilo e com bastante tempo para o ócio, muitas horas sem tecnologia, um pouco de trabalho no campo, comer em comunhão com todos, acordar com o sol e dormir com ele

também. Fiquei mais algum tempo com eles no projeto; alguns voluntários foram embora e outros novos também chegaram.

3.3. Reflexões Perto de Ir Embora

“Mais um dia aqui de manhã com o meu café que finge ser um café, mas ele é super indecente; gosto do café do Brasil. Bom, estamos perto do fim agora; é impressionante como passou rápido. A gente se adapta e se acostuma a tudo; a vida vira rotina novamente, e isso é bom, com um gesto clássico de clichê. Essa leve permeabilidade das coisas, a visão de mundo para mim nunca será como antes; a partir daqui, um universo novo surgiu na minha mente. Nesse momento, estou sentado escrevendo de frente para o banheiro, o cômodo mais infame da casa; só um buraco no chão e uma torneira, que conseguiram dar conta de 13 pessoas na lotação máxima. Acabei de tomar um banho, então me sinto fresco e pronto para começar o dia. Eu gosto de estar aqui; tive ótimos momentos e estou pronto para ir embora, mas definitivamente eu vou voltar.

Imagen 13 – Dia a dia reunidos no Projeto.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Sobre ser turista e explorar um mundo já conhecido: agora penso que o normal de viagens turísticas realmente não me agrada tanto mais; quero ter conexões mais profundas com as pessoas,

ouvir histórias únicas para contar e ir aonde ninguém ou poucos foram, porque hoje é difícil ir aonde ninguém foi, mas ir aonde poucos foram, só aqueles que realmente querem estar lá sabem. Eu não quero seguir as massas e me enquadrar ou sentar quieto e só ouvir; eu quero o que pouca gente deseja, quero o desconforto, o êxtase e a euforia de novos mundos, quero ser um explorador e um explicador também, não aprender só com livros, mas com as pessoas. Ouvir o que se fala em todos os lugares, o que é passado de boca em boca, não o que está somente escrito.

Eu quero ter minha mente limpa e sentir meu corpo amadurecer por um todo ao longo do tempo. Eu sei para onde estou indo, mas não sei o destino final. Tudo que vivi aqui foi muito bom, me fortaleceu e me fez enxergar como eu levava minha vida antes e como quero levar agora daqui pra frente. A gente nunca sabe o que vai acontecer; cada dia é um mistério, e eu sou grato, muito grato por todas as oportunidades que o destino tem oferecido. A vida é boa, excelente, e tem que ser vivida assim. Último dia aqui em Tagounite, 8h32 da manhã, sentado nos campos de grama, sentindo a brisa da manhã e ouvindo o mundo se despertar.”

3.4. Conhecendo a Cidade Vermelha

Admito que deixei o projeto já com saudade, era o tempo de seguir em frente e conhecer um pouco mais do país. Peguei aquela única linha de ônibus em Tagounite e 9 horas depois estava em Marrakesh, a cidade vermelha. Com toda certeza é o polo mais turístico no país, quase todo mundo que visita acaba pisando em Marrakech em algum momento, e da mesma maneira que acontece no Brasil com cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, a cidade vermelha não é a capital do país mas quem pensa na bandeira vermelha com a estrela verde no meio pensa na tal.

A diferença de onde eu estava para Marrakech é absurda, fico admirado com esses grandes contrastes na população, cultura e estilo de vida dentro de um mesmo país. É uma cidade super turística, caótica e muito movimentada, onde o comércio de tudo que se possa imaginar acontece de forma extremamente colorida na rua a céu aberto. Vi de tudo nas ruas a venda, bolsas, tapetes, bijuterias das mais diversas artes, todo tipo de comida árabe e ocidental também e sem falar dos animais, de macacos, cobras, camelos a ovos de tubarão. Realmente uma cidade exótica que vale a pena visitar, parece

um grande mercado árabe, e por diversas vezes me senti bem majoritariamente no filme do Aladdin. Porém tive a impressão de que as pessoas em Marrakech não são tão gentis e pacíficas quanto em Tagounite, um tanto quanto lógica essa conclusão quando se compara as atmosferas de cidades grandes e pequenas, me senti mais inserido na cultura marroquina e seguro em Tagounite.

Pessoalmente prefiro o lado não turístico dos países do que as grandes multidões tirando foto do que todo mundo vê o tempo todo na internet, mas também reconheço a importância de pelo menos uma vez visitar os grandes centros.

Imagen 14 – Marrakesh ao anoitecer, mercado central.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

4.0 Conclusão

Por fim, fiquei mais alguns dias no Marrocos com alguns amigos turistas e voei para outra aventura. Com isso aqui estão minhas conclusões sobre o que vi, ouvi e provei durante um mês: As população me lembrou o Brasil, um povo diverso, simples e caótico ao mesmo tempo, a maioria foi gentil comigo e me ajudou em todos os momentos que eu precisei, eles sabem compartilhar e estar em comunhão e tem um estrito e forte senso de moral, acredito eu devido a religião (Islã) muçulmana que dita muito do dia a dia do país sendo a crença dominante não só no Marrocos mas em totalidade na região do Magreb; Pessoalmente eu adorei a culinária marroquina é diferente da maioria das pessoas não tive problema com ela mesmo com os temperos e pimenta forte, além de muito saborosa é barata como diversos bens de consumo no país, muito autêntica; O ambiente também é muito diverso e encantador ao ponto de parecer um mundo nunca visto antes, além das áreas semiáridas e do deserto pleno que visitei, mais para o norte há áreas mais úmidas e com florestas, além das praias famosas com o surfe no litoral do litoral no lado do atlântico.

Sobre especialmente a região que mais fiquei, Tagounite e ao Vale do Draa é uma experiência única que combina aventura, introspecção e aprendizado. Esses locais oferecem um cenário que inspira contemplação e conexão com a natureza em uma forma quase intocada. O visitante é convidado a explorar as dunas do deserto, a caminhar entre palmeirais e a visitar as kasbahs, enquanto testemunha a vida simples, mas rica culturalmente, das pessoas que vivem em sintonia com o ambiente. A viagem me permitiu um mergulho antropológico, pois ali é possível entender melhor as relações de interdependência entre os habitantes e a natureza, bem como o impacto que a globalização e as mudanças climáticas têm sobre essas comunidades. O turismo sustentável ganha espaço nessa área, como os projetos como o Bani Hayoune Garden, onde se pode contribuir diretamente para o desenvolvimento local e adquirir uma compreensão mais profunda das práticas de permacultura e conservação.

Essa imersão nos saberes locais, nas histórias contadas pelos moradores e na serenidade do oásis é uma experiência que para mim redefine o modo de enxergar o mundo, ampliando a compreensão do que significa viver em harmonia com a natureza e com as próprias raízes.

Imagen 15 – O deserto de Erg Chigaga.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

4.1 Ajude o Projeto Bani Hayoune

Para garantir a continuidade e o sucesso de suas iniciativas, o projeto conta com o apoio, além dos voluntários, de financiamento coletivo como uma de suas principais fontes de recursos. Desde a metade deste ano está aberta uma campanha de crowdfunding busca arrecadar fundos para:

- **Perfuração de um poço:** Garantir acesso a água potável para a comunidade e para a irrigação das plantações.
- **Construção de reservatórios de água e sistemas de irrigação eficientes:** Otimizar o uso da água disponível e promover a sustentabilidade hídrica.
- **Plantio de árvores nativas e desenvolvimento de um jardim florestal:** Restaurar a biodiversidade local e combater a desertificação.
- **Construção de um espaço comunitário para atividades educacionais e artísticas:** Empoderar mulheres e crianças da região, oferecendo oportunidades de aprendizado.

Caso queira ajudar sua contribuição é fundamental para o sucesso deste projeto que busca promover a sustentabilidade ambiental e o desenvolvimento comunitário nesta região do Magreb afetada pela desertificação. Para saber mais e fazer sua doação, visite o site oficial do projeto: [Benhayoun Garden](#), o Instagram: @ OASISATTHEEDGEOTHE SAHARA, e a página da campanha no [GoFundMe](#). Apoie o Bani Hayoune Garden e faça parte desta iniciativa transformadora no coração do Marrocos.

Imagen 16 – Camelos cruzando o deserto.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)